

JEREMIAS, PROFETA DA CHUVA

(texto dramático em 13 cenas)

Adelice Souza
Travessa dos Barris, 33, Barris, 40070070
www.adelicesouza.blogspot.com
71-33297410 e 71-99414901
adelicesouza@oi.com.br
Salvador - Bahia

Adelice Souza

“O amanhã é uma coisa grande. De que será feito o amanhã?”

(Victor Hugo, em Les Chants du Crepuscule, 1836)

“O pescador apanha o peixe a uma profundidade de mil braças abaixo d’água, profundidade que ele jamais viu. O mineiro extrai o ouro que se encontra a centenas de toesas abaixo da terra, que seus olhos não podem atravessar. Como nada está tão oculto que não se torne manifesto, com o firmamento celeste acontece o mesmo que com o mar e com a terra. Todas as coisas devem se tornar manifestas, mas através do homem, que descobre todas as coisas”

(Paracelso, em Le Pronostic, 1536)

Jeremias, profeta da chuva

O espetáculo acontece num vilarejo do sertão nordestino chamado Salvador dos Brejos. O cenário é uma ruína, e no centro vê-se um grande muro com sete portas. É o muro das lamentações, alto e antigo como o muro de Jerusalém, onde se encontram pendurados vários ex-votos. Os ex-votos também forram o teto do palco. O muro se transforma noutros ambientes da cena – rua principal do vilarejo, casa de Jeremias, feira, casa da rezadeira Docha, casa de seu Lunário e os que mais houver. São vinte as casas do lugarejo. Nenhuma tem cor. Os elementos cênicos vão colorir algumas determinadas cenas, delimitando o lugar da realidade e dos sonhos.

PERSONAGENS:

JEREMIAS: o profeta da chuva

NININHA: esposa de Jeremias

SEU EUQUIDES: pai de Jeremias

ROSINHA: irmã mais nova de Nininha

LUIZINHO (voz): o marido de Rosinha, que foi se embora

GRACILIANO: irmão mais novo de Nininha

JERUSAH: a mulher que perdeu os seus filhos

VÉA DICA: uma insana do vilarejo

JOSEFINA: a moça bonita de vermelho

DONA DOCHA: a rezadeira

DOCHINHA: o filho de Docha

SEU LUNÁRIO: outro profeta da chuva

SEU ZINHO: artesão e vendedor da feira

RAQUÉ : esposa de Seu Zinho

DONA ZEFA: moradora do lugar

O HOMEM DA ÁGUA

PARUARA E SANTIAGO: cantadores de cordel

UM SACERDOTE, UM PREGADOR

2 ATORES para uma cena de TEATRO DE BONECOS

SENHORAS E SENHORES DO VILAREJO

3 MÚSICOS (Um sanfoneiro, um rabequeiro e um percussionista)

CENA I - EXPERIÊNCIA COM O SOL

(Jeremias é um homem de 45 anos, com a cabeça quase sem cabelos e com uma barba crescida. Tem aparência de um sertanejo. Num tom profético, com acompanhamento musical, Jeremias clama ao povo):

JEREMIAS - Eu estou aqui porque eu vi o Senhor sofrer. Ele me mostrou de perto a sua dor para que eu sofresse o que ele sofreu. Eu não quero mais dormir nesse chão quente, Senhor. Eu o louvo, porque meu caminho é de luz. Eu quero trazer para memória dos dias e das noites, aquilo que pode me dar esperança. Ô, meu Deus, será que esta noite eu vou te encontrar num sonho dentro da minha dormida? Vem, Senhor, em forma de torrente, leva a gente, numa enxurrada. Deixa esse povo dançar no meio da chuvarada! Deixa esse povo nadar no meio da passarada!

VOZES DE HOMENS - Jeremias! Jeremias! Jeremias!

JEREMIAS - Eu sou Jeremias!

VOZES DE HOMENS - Tu é Jeremias. Nós somos Jeremias. Vos sois Jeremias. Ele è Jeremias.

JEREMIAS - Quem é Jeremias? Eu sou Jeremias!

VOZES DE HOMENS E MULHERES *(Em lamento:)* - Tu é jeremias. Nós somos Jeremias. Vós sois Jeremias. Ele é Jeremias.

(ESPECTROS SE APROXIMAM DE JEREMIAS)

VOZES DE HOMENS E MULHERES - Mas que ser é tu?

Que ser é tu?

Que ser é tu?

Onde tá tu?

Onde tá tu?

Onde tá tu?

Sou como tu!

Sou como tu!

Sou como tu!

(Todos vão desaparecendo e surge Jerusah, uma mulher que veste negro, tem três seios e é caolha. Traz um balde consigo, um balde cheio de lágrimas. Ela quer se afogar nas próprias lágrimas. Carrega vários bonecos de ex-votos numa das mãos, uma penca deles. No outro braço, o balde de água de alumínio esmaltado ou barro)

JEREMIAS - Quem são estes, senhora, que tu leva nos braços?

JERUSAH - Não há mais pão, não há mais vinho. O filho se vai, o filho se vai, vai filhinho, vai, que quando o mundo melhorar, tu volta. *(E vai enterrando os filhos)*. Lá do alto, o Senhor enviou fogo aos meus olhos. Meus gemidos são muitos e o meu coração tá desfalecido. Sou uma viúva, senhor, não tenho homem que me ajude a alimentar os meus filhos. Não deixa que eles morram de fome, senhor. O único banho que eu tomo é da água das minhas próprias lágrimas. *(Jerusah se banha de lágrimas)*.

VOZES DE HOMENS - Jeremias! Jeremias! Jeremias!

JEREMIAS - Eu sou Jeremias!

VOZES DE HOMENS - Tu é jeremias. Nós somos Jeremias. Vós sois Jeremias. Ele é Jeremias.

JEREMIAS - Vocês são Jeremias? Eu sou Jeremias!

VOZES DE HOMENS E MULHERES *(Em lamento:)* - Tu é jeremias. Nós somos Jeremias. Vós sois Jeremias. Ele é Jeremias.

JERUSAH - Eu estou desolada, senhor. Eu choro as minhas desgraças, mas não peço pena. Quem vive aqui, senhor, não precisa de pena.

JEREMIAS: Eu posso ajudar a senhora. Passe em minha casa, é aquela, a derradeira da rua. Pede a minha mulher um pão, um pedaço de inhame...

JERUSAH - Me disseram que o senhor sabe quando vem chuva ou não. O senhor entende das águas, entende das terras. Diz para mim se eu ainda preciso guardar as minhas lágrimas nesse bacio pra poder molhar meu corpo...

JEREMIAS - Não, senhora, não dê ouvidos à minha sabedoria. Vá adiante, se apronte.

JERUSAH - Eu chorei ontem a noite inteira enquanto os sacerdotes gemiam e as virgens tavam tristes. Passei por aqui, e tua casa era um caminho de luto.

JEREMIAS - Minha casa, não! Não fala deste lugar de onde eu parti.

JERUSAH - Quer comer o meu coração, Jeremias?

JEREMIAS - Você prevaricou e pecou. Não te condeno. Mas onde estão os teus filhos? Isso aí nas tuas mãos é toco de pau.

JERUSAH - Os dois agora moram aqui dentro do balde, Jeremias. Dei de beber a eles antes que acabasse toda a água.

JEREMIAS - Então, você é a filha de Sião?! Jerusah? Você matou os seus filhos! Os pobrezinhos morreram afogados! (*Jerusah levanta as saias e se oferece para Jeremias*) A imundície tá nas tuas saias! Foi por tua causa que o Senhor cobriu o povoado com nuvens de poeira!

JERUSAH - O sol. O sol. Foi o sol na minha cabeça que embaralhou tudo, escureceu meu olho, fez o terror através das minhas mãos. O pai deles me deixou, Jeremias. Fiz isso para ele retornar para os filhos e para mim. Mas não voltou, Jeremias, não voltou.

JEREMIAS - Tua pele vai virar brasa no fogo. O sol tá vermelho, Jerusah, o sol tá vermelho. Vai embora, Jerusah, e leva contigo a tua sina.

JERUSAH (*sai entoando um canto, olhando para dentro do balde, como se dali saísse uma visão*) - O sol. Se ele nascer bem alvinho da cor de uma bolinha de prata, tão bonito que chega dói na vista da gente, não tem rios que caibam a água, porque o inverno vai ser bom e comprido. Se ele nascer entre alvo e amarelo, o inverno não é ruim. Se ele nascer quase que opaco e vermelho, o inverno é bem variável, mas se ele nascer vermelho, da cor de uma bola de fogo, é seco de levantar. É seco de levantar, Jeremias.

CENA II - EXPERIÊNCIA DAS PEDRAS DE SAL DE SANTA LUZIA

(Ouve-se num rádio uma canção nordestina com ritmo de baião. Nininha ouvia a canção)

CANÇÃO:

Que ser é tu?

Que ser é tu?

Que ser é tu?

Onde tá tu?

Onde tá tu?

Onde tá tu?

Sou como tu!

Sou como tu!

Sou como tu!

NININHA - Jeremias, acorda! Tem um mundaréu de gente te procurando aí fora para saber das experiências. Tuas palavras tão provocando uma desordenança danada. Até a Vêa Dica tá te procurando. A irmã dela já não manda notícias há uns três anos. E ela não tem ninguém que possa olhar por ela numa doença. Disse que vai embora em busca da irmã, que não quer morrer sozinha nesta terra de sol. Todo mundo tá alvoroçado com as tuas palavras, Jeremias.

JEREMIAS - Eu não sei o que é que o povo quer que eu diga: esse ano o inverno vai ser ruim. É o que eu estou vendo nas experiências. Foi isso que eu vi. Isso não é bom pra mim também não.

NININHA - E ontem? Tu acabou não me dizendo o que tu avistou espiando o sol.

JEREMIAS - Eu não quis dizer porque a experiência deu negativa de novo, Nininha. O sol nasceu vermelho, vermelho, lá na barra. Vamos ter quadra invernososa este ano, não. Talvez não vingue nenhuma espiga de milho.

NININHA - Peço para Vêa Dica entrar? Ela tá aí pra falar com tu.

JEREMIAS - O que é que a Vêa Dica quer comigo?

NININHA - Diz que só tu é que sabe do destino da irmã dela. Falou de família, pensei logo que era coisa séria. Ela tá aí fora, quer uma audiência contigo.

JEREMIAS - Eu vou me aprumar. (*Entrando na sala*) Boas tardes, Dica. Vem da parte de quem?

DICA - Da minha mesmo, Jeremias. Eu quero ouvir de cara pra ouvido as tuas experiências. Pra afirmar minha decisão de ir me embora pro modo de procurar a minha irmã. Era somente eu e ela no mundo. E ela foi embora, tu sabe toda a missa, não preciso repassar de novo.

JEREMIAS - Dica, fica por aqui, não faz besteira, que tu não tem mais força pra ir atrás da tua irmã que tu nem sabe onde anda. Tudo tem um jeito nessa vida, Dica. As experiências estão dizendo uma coisa, mas podem dar em outra. Tu sabe como são as coisas de Deus, às vezes a gente fica analfabeto, não consegue ler direito.

DICA - Eu acredito nas profecias das pedras de Santa Luzia, Jeremias. Eu sou devota de Santa Luzia Foi ela quem curou os meus olhos de uma gastura ruim. Tu fez direito as experiências? As pedras disseram o quê?

JEREMIAS - Não deu coisa boa, não. Nas vésperas do dia de Santa Luzia, dia 12, eu enterrei as pedras de sal e elas não se dissolveram. Sinal de seca, a terra não tem umidade. Eu também acredito na profecia das pedras de Santa Luzia, acredito nos ditames dela. E pra mim, pedra é quase planta, planta é quase bicho e bicho é quase gente.

DICA - E gente que entende das coisas como tu, é quase santo. Jeremias, tu sabia que foi minha irmã quem colocou o meu nome de Dica? Porque é nome de uma santa. Quando eu era pequena, eu ouvia a estória da santa e eu pensava assim: também quero ser uma santa quando eu crescer. Mas no meu pensamento, eu não ia morrer no meio do fogo. Minha santidade seria de água, eu ia trazer água pro povo aqui de Salvador dos Brejos. E agora tu diz que não vai chover este ano. Eu já estou velha, Jeremias. E ainda não virei santa. Para onde eu vou?

JEREMIAS - Bem que eu queria era de estar errado! Assim, no meio do meio do meu palavreado, fazer cair um toró mais sem tamanho de terminar. Mas eu posso não estar mais sabendo entender as experiências, posso não saber mais de Deus.

DICA - Santa Dica vencia tudo. No Dia do Fogo, as balas batiam no vestido da santa e ricocheteavam: é que os anjos, descidos dos céus, não permitiam que as balas alcançassem os fiéis e por isso as balas subiam, indo parar no alto das casas. Telhado virou cemitério de balas que desviaram o rumo. Santa Dica fugiu pelo rio Jordão, Jeremias. Foi ela que rebatizou como rio Jordão, por causa do São João do carneirinho. O rio era rio Peixe. Ela entrou no rio Peixe andando pelas águas, precisava de ver... e depois mergulhou no rio e foi puxada pelos cabelos por Coxeador, seu apaixonado, até chegar na outra margem do rio. Todos aqueles que se agarraram nos seus cabelos foram salvos. É por isso que eu crio os meus cabelos. Eu queria que a água chegasse tão forte, que sangrasse o açude, derramasse água pra tudo o quanto é lado, e eu salvaria todo mundo de Salvador dos Brejos com o meu cabelo. Como aconteceu na minha meninice. Isto aqui tinha outro nome, botaram Salvador dos Brejos porque um dia o açude transbordou. Não se apagou nada da minha memória. Ficou tudo alagado, lodoso, cheio de água com um pântano. Os brejos tudo saindo pela boca, os sapos rindo...

JEREMIAS - Eu ainda nem era nascido, Dica. Minha mãe narrava...

DICA - Santa Luzia vê as coisas, entende da visão. Será que tu não catou as pedras erradas, em outro buraco do chão?

JEREMIAS - Não Dica, fiz tudo de acordo com os mandatos. Mas não vá desta terra, não ,Dica. Tu não tem mais idade para pegar estrada. E eu ainda vou fazer outras experiências, quem sabe até eu sonho, não é querendo me gabar, mas eu tenho esse dom.

DICA - Não vou testemunhar. Vou me embora atrás da minha irmã, eu nasci no meio da fartura, não sei viver nesta falta, não. Vou me embora, Jeremias. Um adeuzinho.

CENA III - EXPERIÊNCIA DA MÚSICA

ROSINHA (*A irmã mais nova de Nininha, tem 18 anos e é muito bonita. Está sempre acompanhada por um carrinho de neném ou com o seu filho no colo*) – Eu ouvi numa música que quando o mandacaru fulora na seca, é sinal que a chuva vem pro sertão. Isso é ditame de experiência, não é? Jeremias sabe destas coisas, podia é ver uma plantação de mandacaru inteirinha dando flor. Mas não, fica é enchendo a cabeça deste povo sem sensatez dizendo que este ano não vai ter inverno. E dizendo que viu o sol tinindo na barra.

NININHA – Rosinha, eu não queria te dizer nada, porque o teu marido foi embora e eu sei que tu tá sofrendo esperando por ele, mas o Jeremias é quem mais acerta de adivinhação nesta região, tu sabe.

JEREMIAS – É, Rosinha. Tudo tá apontando pra não chover. Rosinha, pode ser que o teu marido não volte.

(Rosinha se retira.)

NININHA – Diz isso, não, Jeremias, que a coitada já não agüenta mais todo mundo falando a mesma coisa. Ela recebeu hoje uma correspondência do Luizinho.

JEREMIAS – E o que é que dizia a carta?

NININHA – Ela tava lendo lá nos fundos com o menino. Eu achei que era coisa dela, não quis assuntar. Tu continua confirmando estas previsões, Jeru?

JEREMIAS – Era melhor que eu nem tivesse boca pra dizer nem o povo tivesse ouvido para escutar. Coisa mais tristonha é fazer leitura ruim do inverno. Por mim, eu abandonava era tudo quanto era sabedoria de profecia, só pra ficar nas ignorâncias destas ruindades que eu ando vendo.

(Rosinha abre a carta e ouve uma voz em off)

LUIZINHO (*Em off, fala a carta. O texto da carta traz fragmentos de Asa Branca - Luiz Gonzaga/Humberto Teixeira*)

“Rosinha, minha flor

Anteontem completou dois anos e três meses que eu estou aqui. Demorei de botar esta carta no correio, mas todo dia eu penso em tu. E nunca me esqueço deste teu olho graúdo e lindo

me pedindo por tudo para eu ficar, mas até mesmo *a Asa Branca, Rosinha, bateu asas do sertão. Não dava mais pra viver nesta terra ardendo qual fogueira de São João. Aqui, quando pinga chuva e faz frio, eu uso o capote que tu fez pra mim. Não tem um só dia que eu não deseje que o inverno bom chegue aí também. E aí, eu te asseguro, eu voltarei, viu?* Junto com a carta, estou enviando uma soma de dinheiro, foi tudo que eu consegui juntar depois de tirar o da pensão e da merenda. Diz a Bernadinho que o pai está longe, mas gosta muito dele. *E não chore não, viu?*

Adeus, Rosinha, guarda contigo meu coração.

Luizinho, teu coração.”

ROSINHA(*Entrando, enxugando as lágrimas*) – Jeremias, tu acredita nos bichos e nas plantas?

JEREMIAS – Natureza não é questão de acreditar, não, Rosinha. Natureza é ou não é. E planta ensina coisa pra gente, é feito professor. Quem não lê a natureza, é analfabeto de Deus.

ROSINHA – É que eu não entendo destes caprichos, o Luizinho entende alguma coisinha. Botou um palavreado bonito na carta. Ele disse na correspondência que foi embora por causa do passarinho Asa Branca.

JEREMIAS – Eu sempre gostei muito do Luizinho, tu sabe, não é Rosinha? Sempre aprovei o chamego de vocês.

NININHA – Mas isso de deixar mulher sozinha aqui e ir se embora, não acho direito. Coisa mais maluca se embrenhar sozinho pelo mundo e deixar a mulher com o bucho cheio , aqui, na serventia dos parentes.

ROSINHA – Mas vocês tratam bem de mim, ele se informa.

NININHA – Tratar bem é uma coisa, ver o menino nascer, tá junto, é outra. Acho que o prumo que ele tomou não tem desculparia.

JEREMIAS – Deixa a Rosinha, mulher. O marido dela sabe o que faz. Foi buscar melhoria de vida lá na capital. Ele conversou comigo, eu falei da experiência dos capuchos. Ele também já andava arreparando nos pássaros, no acauã. Este ano o tempo tá ruim pras bandas de cá. Luizinho ainda era pequeno na grande seca, mas o pai dele nunca parou de se lamentar. O Luizinho prometeu ao pai que não ficava aqui pra ver de novo a terra queimando.

ROSINHA - Mas a esposa e o filho podem ver terra queimar?

JEREMIAS - Com fé em Deus, ele volta antes.

ROSINHA - Mas se é tu mesmo que anda dizendo que este ano a quadra invernososa tá ruim. Assim, ele não volta.

JEREMIAS - Mas pode ser que eu esteja vendo errado, que eu não esteja fazendo a experiência de forma correta.

ROSINHA - Tu é quem mais acerta por estes lados, vem gente de todo canto do mundo para ouvir teus ditames. Eu to com medo, Nininha. Bernadinho vai crescer sem conhecer o pai. Só viu pela fotografia.

NININHA - Vá detarr, Rosinha, vá. Descansa o juízo que tudo se vai se ajeitando nesta vida.

ROSINHA - A benção, Nininha. Eu vou botar Bernadinho pra dormir e se eu pegar no sono, tu me acorda mais tarde para eu dar uma espiada no baile. Fica com Deus, Jeremias.

CENA IV - EXPERIÊNCIAS DO CUPIM E DA BARRA

NININHA - Tenho pena da Rosinha. Tão nova, tão bonita e não vai tomar mais ninguém para marido. O povo daqui, eu não sei não, não quer meia com quem já teve filho com outro.

JEREMIAS - Eu tenho uma desconfiança que o pai do Luizinho tem parte com isso, ele dizia: meu filho há de se mudar pra capital e enricar. Rapazote fraco, encabulou, se deixou engabelar. E Bernardinho tá um menino vistoso que ta danando.

NININHA - Eu fico transtornada em não poder dizer as verdades pra ela.

(Os dois ficam num silêncio longo)

NININHA - Eu não fico trazendo o assunto todo dia, mas tu sabe, num sabe, Jeremias, que eu tenho o maior desejo de ser mãe? Jeremias, *(um silêncio curto)* Eu queria ter um filho teu.

JEREMIAS - Ô, Nininha, um filho teu é o que mais se pode querer nessa vida

NININHA - E porque então esperar mais, Jeru?

JEREMIAS - Tô com toda essa embaralhação na minha cabeça, vamos deixar pra pensar nisso quando a gente ver de uma vez o resultado das experiências. Já estamos entrando no quarto inverno ruim. Tudo o quanto é gente tá indo embora, desacreditado. Não quero que meu filho passe necessidade, não. Quero dar de um tudo, do melhor, Nininha, pra ele, pra mim e pra tu.

NININHA - Tu já nem me namora como namorava antes. Tá assim todo nos rapidamente. Ô, Jeru, tu gostava tanto de uma ousadia...

JEREMIAS - Ainda gosto, Nininha, e fala baixo pros vizinhos não escutar. *(falando baixo)*. Eu ando cansado, Nininha. Hoje passei o dia todinho olhando capucho. Tu sabe que todo mundo aqui do Salvador dos Brejos diz que eu sou o *(ri)*...homem do cupim.

NININHA - Eu não gosto muito de cupim, não. Bichinho que mói madeira. Que faz broca em madeira verde, nova. Não mexo em cupim. Pra mim, pois ele parece uma casa de abelha, passo longe.

JEREMIAS - É uma experiência que eu gosto, essa do cupim..... mas parece que o inverno vai ser ruim, Nininha, tu compreende, Nininha? Enfiei a faca no cupinzeiro e saiu um monte de cupim sem asa. Eles não vão voar este ano, vão ficar por aqui, na secura. Cupim com asa é

sinal de chuva. O cupim cria a asa pra voar e agradecer a Deus porque vai chover. Bicho entende das coisas, sabe agradecer chuva a Deus ficando tudo animado, voando, brincando, sorrindo com as asas pra agradecer.

NININHA - Eu só acredito porque tu diz. E tu sabe que eu confio nas tuas coisas, mas mexer com cupim parece umas nojeiras de gente emporcalhada.

JEREMIAS - O cupim não deixou crescer asa, tá tudo indicando secura. Já pensou o menino da gente nascer e não ter nem um tiquito de água para banhar o meninote, pra batizar? O que é o meu santinho João Batista menino do carneirinho vai dar de merecimento?

NININHA - Não bota santo na história, Jeru. Tô falando contigo, não quero converseiro com santo.

JEREMIAS - Êta que quando fica nervosa, fica é arretada de bonita.

NININHA- Nem vem que hoje eu não vou, não vou fazer nada mais tu.

JEREMIAS - Tu vai sair pra dançar daqui a pouco o baile pra São Cristinho?

NININHA - Vou. Vem comigo. Ano passado tu não dançou, ficou na labuta a noite inteira, olhando pra barra do céu. Escuta, Jeru, a procissão tá chegando...vai ter cantoria boa a noite toda (*Nininha sai. Voz em off de Nininha, do lado de fora da casa*): Vem dançar comigo um pouquinho no baile... Ô Jeremias, tu não vem pra festa cá fora? A gente vai cantar a reza sem tu...(*Aparecendo na porta da casa, bonita, toda arrumada de renda e fita*) Tu vem ou não vem?

JEREMIAS - Eu careço de dormir logo, Nininha, pra acordar cedo amanhã e ver a barra. Vai e se distrai com os compadres.

NININHA - Uma ou duas horas não faz diferença pro sono.

JEREMIAS - Tu sabe como eu gosto das cantorias pra São Cristinho, mas eu tô preocupado no que eu vou enxergar amanhã lá no horizonte. Amanhã é o dia de ver se a barra do céu vai estar descascada, limpa ou se vai tá anuviada prometendo chuva.

NININHA - Tu não vai poder fazer nada pra mudar a barra, Jeremias. Se o céu tiver descascado, é determinação do destino: não foi tu que descascou o céu. Deus não seguiu estes princípios por tua causa. A gente não é mais importante nem menos importante que ninguém. . E a cantoria é hoje, tá aí fora.... Os bailados de São Cristinho são tão bonitos, tudo ensaiado, passo com passo, tu precisa de ver.

JEREMIAS – Eu fico, aqui, Nininha. Vai mais Rosinha e Bernardinho.

(Todos do vilarejo dançam na festa de São Cristinho enquanto cantam Salve São Cristinho em ritmo de reisado. Depois o ritmo muda para xote e tem-se um forró. Nininha está no meio de todos, saudosa de Jeremias. No final da cena, Graciliano coloca Bernardinho na bicicleta e corre com ele em círculos, numa grande roda. Rosinha, temerosa pelo filho, corre atrás e tudo é uma grande brincadeira.)

SALVE SÃO CRISTINHO

Dia de São Cristinho

Eu tava no arvoredado

Assim seja, meu santinho

Que pingue chuva o ano inteiro

Saravá, saravá, ai pinga chuva saravá

Shaloom, axé, ô são cristinho saravá

Saravá, saravá, ai pinga chuva saravá

Salve amém om são cristinho saravá

Saravá, saravá, ai pinga chuva saravá

São Cristinho, padim Ciço, assim seja, Saravá.

CENA V - A EXPERIÊNCIA COM OS BICHOS

JEREMIAS - Eu já falei com Nininha que desse jeito não dá, ou tu larga esta bicicleta, ou a gente não vai conseguir pegar todos os ovos das galinhas para levar pra vender no mercado *(Silencioso, Graciliano continua com a bicicleta.)* Me disseram que tu anda tangendo o boi de bicicleta, onde já se viu disso, Graciliano?

GRACILIANO - O que importa é que tá tudo lá no curral, não tá? Morto de sede, mas tá no curral.

JEREMIAS - Graciliano, todo dia você me aparece com uns disparates. Eu botei tu aqui pra trabalhar, mas não gosto de menino preguiçoso, não. Para ficar aqui, vai ter que se ajustar comigo nesta lida medonha. E se tu andar aprontando aí com esta bicicleta, eu falo com Nininha e tu volta pra casa do teu pai.

GRACILIANO - Ao invés de ficar procurando motreta comigo ou espalhando pro pessoal da vila que este ano vai ter inverno tristonho, tu podia era fazer um filho em Nininha, isso, sim.

JEREMIAS - Moleque! Tu vai ver só... *(Corre atrás de Graciliano, que foge na bicicleta e fica dando voltas ao redor da cena que transcorrerá)*

NININHA - De novo brigando com Graciliano, Jeru?

JEREMIAS - Teu irmão não quer nada nessa vida.

NININHA - Quer sim, ele quer ser artista. Não gosta de labuta em roça, não.

JEREMIAS - Mas se ele não me ajudar com os afazeres daqui, ele vai ser artista é na casa de teu pai.

NININHA - Deixa o menino, Jeru, ele tá treinando coisas com a bicicleta, quer fazer show com a bicicleta. Quer ficar bem sabido nas manobras para aparecer na televisão.

JEREMIAS - Onde é que já se viu arte de bicicleta ganhar dinheiro nem aparecer na televisão, Nininha? Isso é vadiagem.

NININHA - É o sonho dele, deixa.

JEREMIAS - Sonho? E sonho enche barriga, Nininha?

NININHA - Enche! Ou tu mesmo não sabe que tu sonha aí com as tuas profecias e a coisa acontece no mundo do real? Sonho é uma das coisas de mais importância nesta vida.

JEREMIAS - Desculpa, Nininha. Eu falo do teu irmão assim porque ele já é um rapaz crescido, carece de trabalhar direito.

NININHA - Eu vou falar com ele, Jeremias, mas porque tu tá tão avexado?

JEREMIAS - Eu tirei um instantinho pra olhar o regorjear dos passarinhos e das aves. O galo de campina não cantou, Nininha. A cabeça vermelhinha nem se mexe. Por esta bandas não apareceu nem o golinha nem o pula-pula, passarinho que vem do maranhão. Se não ver ele por aqui, é mal sinal que vem. O canto do tetéu quando não tem inverno, ele fica triste, desencorajado. E é assim que tá. Quando canta um acauã, o outro já não responde.

NININHA - Deixa de conversa desanimada, Jeru.

JEREMIAS - Eu passei a noite passada todo encabulado, com os olhos sem querer pregar, aí ouvi o passarinho que canta a meia noite, o peitica. Ele é menos do que o bem-te-vi, quase que a mesma qualidade, mas é mais amarelado um pouco. Só que o lombo é mais roxo do que o bem-te-vi. Se ele cantar o canto bonito como de costume, o inverno é bom. *(E faz um canto bonito, alto)* Pei ti ca. Mas ontem cantou assim *(E faz um canto feio, baixo)* Pei ti ca.

NININHA - Tu pediu para eu cuidar das serventias da casa, mas não mexer nas teias de aranha, lembra?

JEREMIAS - Hum.

NININHA - Elas já fizeram um fio suspenso do lado direito para o lado esquerdo.

JEREMIAS - Se o fio fica suspenso, o inverno é bom. Tu arreparou como ficou?

NININHA - Ainda não deu tempo de criar teia, não. Eu esqueço, às vezes, e passo a vassoura.

JEREMIAS - Mas não se avexe com isso, Nininha. Aranha não dá muita precisão nas experiências. Assunta: Eu tava espiando as formigas. A formiga quando o inverno é bom, fica em cima das árvores, em cima dos morros, das pedras. Quando o inverno é ruim, elas ficam perto dos charcos, pra não morrer de sede. E eles tão tudo aqui embaixo perto do charco.

NININHA - Eu não queria te dizer, mas anteontem, quando eu fui pegar umas lenhas para fazer um foguinho e preparar um doce de araçá que tu gosta, eu acho que eu vi uma cobra de duas cabeças, Jeru.

JEREMIAS - Verdade, Nininha? Não faz pilhéria com esse assunto.

NININHA - Verdade verdadeira. Se o meu olho não tiver inventariando...

JEREMIAS - Pelas previsões, se tu viu anteontem, chove amanhã. Mas porque foi logo tu que viu? Cobra de duas cabeças não é vistoria fácil de se ver, não.

NININHA - Talvez Deus também esteja querendo mostrar as coisas pra mim, para eu te ajudar. Não sou tua companheira? Das plantas pra baixo, eu já entendo um pouquinho. Das plantas para cima só quem sabe é deus. E tu, que tem o dom.

JEREMIAS - É uma benção de deus, o povo perguntar, eu dizer e acertar. Até agora ando dizendo o que eu vejo, Nininha. Mas dá vontade de jogar esta sabedoria pra cima e ficar mudo que nem uma porta, não predizer mais nada. Ando num esmorecimento com as coisas, uma falta de alento, Nininha.

NININHA - Não se desengana ninguém, não se diz que o sujeito vai morrer, se diz que o sujeito escapa.

JEREMIAS - Mas eu não posso mentir, Nininha. Eu sou desse jeito, ou é ou não é, ou sou ou não sou.

NININHA - O que estão dizendo os outros profetas daqui, Jeremias?

JEREMIAS - Seu Juvêncio saiu hoje da abstinência. Ficou quarenta dias sem namorar com a mulher pra fazer a experiência dele, desde novembro, quando a estrela apagou e acendeu. Diz que assim fica esvaziado e escuta as profecias com mais precisão.

NININHA - Coitada de dona Sebastiana! E isso dá certo, Jeremias?

JEREMIAS - E eu sei lá, Nininha. Ele diz que segue as Três Marias. Olhou a carreira do sol e disse que este ano não vai ter barulho de folha seca batendo uma na outra. Não vai ser ano de seca, não. Mas isso tudo me dá uma agonia dos diabos, Nininha, todas as experiências que eu faço dá que vai ser ano de seca.

NININHA - Será que Deus tá fazendo alguma provação com tu, Jeru? Tu tem rezado? Dia destes eu vi tu dormir sem rezar.

JEREMIAS - Tu quer dizer que Deus pode ter parado de me mostrar o caminho das experiências? E pode, Nininha?

NININHA - Não tô dizendo isso, mas vamos rezar um terço. Vou pegar as velas, aprontar o altar. Quem sabe, Jeremias, uma prece ajuda...

JEREMIAS - Se chovesse, eu ia ganhar dinheiro vendendo milho e eu ia ganhar dinheiro com o milho e tu ia fazer canjica, pamonha e bolo e a gente ia vender na barraca na festa de São José, na festa do São João do carneirinho e na festa de São Pedro porteiro do céu e na quermesse da trezena de Santo Antônio e as pessoas iam rezar a Deus comendo das espigas do meu milho. Eu ia ser o alimento deles.

NININHA - Segue Deus, que tu vai ouvir as palavras dele: só ele pode dizer se a chuva vai chegar ou não, mas Deus só vai te dizer se tu acreditar. Falam de um tudo: que tem Deus e tem diabo nessa terra de sol. Mas eu mesma, olho pra todo canto, e só vejo é Deus. Há vez que a gente tá mais perto dele, há vez que não tá.

JEREMIAS - Ó, Nininha, eu quero te dar muitas alegrias.

NININHA - Vem cantar a ladainha comigo, Jeremias. Um homem sem Deus é um cabra perdido, no sentido de que jamais poderá encontrar a razão última e verdadeira da vida dentro de si mesmo.

(Nininha acende uma vela num altar com os três santos juninos (João, Pedro e Antônio) e os dois rezam juntos. Na medida, em que vão rezando, entram vozes femininas e faz um coro cantado, numa procissão no fundo do palco))

REZINHA

Bendito louvado seja a luz que mais alumeia (bis)

Valei-me meu Padrinho Ciço e a mãe de Deus das candeias (bis)

Ó que caminho tão longe e cheio de tanto arroteio (bis)

Valei-me meu Padrinho Ciço e a mãe de Deus das candeias (bis)

Os romeiros vem chegando e é noite de lua cheia (bis)

Valei-me meu Padrinho Ciço e a mãe de Deus das candeias (bis)

Os anjos cantam no céu e no mar, cantam as sereias (bis)

Valei-me meu Padrinho Ciço e a mãe de Deus das candeias (bis)

CENA VI - EXPERIÊNCIA DA TERRA

SEU EUQUIDES – Jeremias!

JEREMIAS – A benção, meu pai.

SEU EUQUIDES – Abenção. Deus lhe abençoe, Jeremias.

JEREMIAS – Pai, este ano toda experiência tá dando negativa. Eu juro como eu queria ver outra coisa, mas o que aparece é um desgraceiro. Dá uma vontade até de mentir para as pessoas e dizer que as experiências tão dizendo uma outra coisa trocada.

SEU EUQUIDES – O povo na feira não fala em outra coisa a não ser no que tu anda dizendo para este inverno. Tu acertou a previsão no ano de 3 e no ano de 4, os mais difíceis dos últimos tempos. Depois daquele noticiário lá no jornal do sul, todo mundo acredita nas coisas que tu diz. O povo todo te segue aonde quer que o teu pensamento carregue. Até eu acredito de olhos fechados nas tuas experiências. Muita coisa eu te ensinei, mas tu tem o dom. (silêncio longo).

JEREMIAS– Já se decidiu, meu pai?

SEU EUQUIDES – Sim, mas a decisão é coisa minha, não tem a ver com tuas prosarias.

JEREMIAS – Porque está me abandonando?

SEU EUQUIDES – Tu não sabe o que diz, meu filho.

JEREMIAS - Quer dizer que o senhor vai mesmo se embora pra Pau d'Arco?

SEU EUQUIDES - Vou embora, filho. Vou sim.

JEREMIAS – Pai, será que a terra boa volta, pai? Será que ela vai abandonar a gente de vez?

SEU EUQUIDES – Vai, não, filho, vai não.

JEREMIAS – Pai, tu volta, pai? Ou vai abandonar a gente de vez?

SEU EUQUIDES – Volto não, filho, volto não.

JEREMIAS – Pai, e se eu também for?

SEU EUQUIDES – A morte vai esperar pra gente chegar junto. Ou é lá ou é aqui. Isto é destino, meu filho.

JEREMIAS – O senhor vê que eu vou morrer junto?

SEU EUQUIDES - Vai sim, meu filho, vai sim. No dia que tu nasceu teve chuva e eu disse assim: a chuva nunca haverá de faltar pro meu filho. Tu é o meu único, Jeremias. Tua mãe viu quando eu disse assim, espia: eu e o meu filho vamos morrer na mesma terra. E nela nunca há de faltar chuva.

JEREMIAS - Nem o senhor acredita mais, meu pai!

SEU EUQUIDES - Eu penso na tua mãe, no que será que ela ia gostar que a gente fizesse. Fosse embora atrás de melhoria ou ficasse aqui neste lugar seco? Isso aqui parece peito vazio de mulher.

JEREMIAS - Mainha sabia das coisas. Ela não era aqui desta terra, veio de região de mar, mas sabia muito das coisas. Talvez pudesse dar um caminho.

SEU EUQUIDES - Mesmo longe estarei contigo, meu filho.

JEREMIAS - A terra tá fria, eu peguei uma pá, cavei a terra, botei a mão e tá fria, quanto tá para pingar chuva, a terra fica quentinha, morninha, pra receber. Eu me encabulei e não preguei o olho a noite inteirinha. As pedras de Santa Luzia, o cupim, os capuchos, o sol: tá tudo trazendo previsão triste. Só falta mesmo sair na noite pra espiar o vento e a barra do céu. Nem sonhar, eu sonho mais, meu pai, eu que antes tinha tanto sonho premonitório... Dá um aperto no peito, um medo no juízo, uma vontade de me desbandeitar por este mundo sozinho.

SEU EUQUIDES- Sozinho, tu não vai não. Tu vai levar Nininha contigo.

JEREMIAS - Nininha não quer ir, pai, Nininha disse que desta terra ela não sai, que ela só vai embora quando for pra debaixo da terra. Na terra daqui, de nenhum outro canto. É a casa dela, pai. Mulher tem dessas coisas.

SEU EUQUIDES - Ela é tua mulher, teve o ventre seco, mas é tua mulher.

JEREMIAS - O problema não é dela, eu já disse. Não gosto do rumo que tá tomando esta conversaria.

SEU EUQUIDES - Tu não pode largar ela aqui sozinha, as coisas que não se largam na vida é osso e costela. Ela é tua costela, tua companheira, é isso que eu to dizendo, não é outra coisa.

JEREMIAS - Apois, eu tento de convencer ela. Eu não sei labutar com gado. Tomo conta de uns três bezerros de seu Isaias, mas não sei cuidar direito. Eu queria era construir uma boa

plantação. A gente merecia uma terra melhor, para plantar e colher o coração dos homens. Eu deixo o meu pedaço de terreno aqui, quem sabe um dia eu volto.

(Nininha entra)

NININHA - Eu escutei a prosa de vocês. Daqui eu não saio. Já falei, não foi, Jeru? Já falei, tá falado e pronto. Seu Euquides, o senhor devia era de dar exemplo e não se desbandar por este mundo. Me disseram que quando Jeru era pequeno, era o senhor que profetizava nestas terras.

SEU EUQUIDES - Mas a palavra agora está com você, Jeremias. Você é que tem o dom. O meu tempo já se foi.

JEREMIAS - Quando o senhor fala assim, eu não apreçoio.

NININHA - Vai sábado na feira, Jeremias. O povo tá querendo te escutar. Depois da Vêa Dica, tem um mundaréu de gente querendo ir embora por tua causa, gente moça botando destino na tua mão. Não deixa esse povo perdido assim na vida.

JEREMIAS - Nas minhas mãos... o que é que eu ando sabendo de destino? Salvador dos Brejos está que é uma tristeza, uma melancolia: os meninos tropeçam debaixo das cargas de lenhas, os velhos já não se sentam às portas, os jovens já não cantam.

NININHA - Deixa esse queixume, Jeru. Também não é assim. Se teu pai vai embora, eu fico aqui e cuido de tu. Tu não vai ser órfão de zelo, não. *(silêncio)* O senhor não diz nada, seu Euquides?

SEU EUQUIDES - E o que eu posso mais dizer?

NININHA - Hoje vai ter dramatização do teatro lá na rua. Tem cada boneco de madeira que faz gosto. Tu precisa de ver, Jeru. O senhor vem, seu Euquides?

SEU EUQUIDES - Não, eu não gosto destas coisas de fantasia. Eu prefiro as coisas de verdade.

JEREMIAS - Vamos sim, Nininha. Nossa conversa aqui já estava mesmo terminada. *(Os dois vão assistir o teatro)*

CENA VII - A EXPERIÊNCIA DO TEATRO

(Várias redes penduradas em paus assumem o palco. Jeremias se senta na rede da janela, de frente para a platéia e a pecinha começa. Um teatro de bonecos acontece enquanto alguns atores sentam em redes para assistir, todos de frente para a platéia e segurando em suas mãos, bonecos gigantes, apenas com cabeças e troncos, como se fossem crianças, filhos dos adultos, acompanhados destes, assistindo ao espetáculo de bonecos. Do lado de Jeremias, senta-se Nininha, também de frente para a platéia. O teatrinho acontece numa pequena caixa cênica onde estão dois manipuladores interpretando dois bonecos: um sanfoneiro e um homem capiau narrando sua epopéia. Toda a representação é acompanhada pelos músicos e pelo coro das atrizes. Aos poucos, os atores vão se virando. No final, todos estão de costas para a platéia e de frente para o teatro de bonecos, menos Jeremias. Assim, o público vê o seu rosto e suas reações durante todo o teatrinho.)

TEXTO DO TEATRO: A triste partida (Patativa do Assaré)

“Meu Deus, meu Deus

Setembro passou

Outubro e Novembro

Já tamo em Dezembro

Meu Deus, que é de nós,

Meu Deus, meu Deus

Assim fala o pobre

Do seco Nordeste

Com medo da peste

Da fome feroz

Ai, ai, ai, ai

A treze do mês

Ele fez experiência

Perdeu sua crença

Nas pedras de sal,

Meu Deus, meu Deus

Mas noutra esperança
Com gosto se agarra
Pensando na barra
Do alegre Natal
Ai, ai, ai, ai
Rompeu-se o Natal
Porém barra não veio
O sol bem vermeio
Nasceu muito além
Meu Deus, meu Deus
Na copa da mata
Buzina a cigarra
Ninguém vê a barra
Pois a barra não tem
Ai, ai, ai, ai
Sem chuva na terra
Descamba Janeiro,
Depois fevereiro
E o mesmo verão
Meu Deus, meu Deus
Entonce o nortista
Pensando consigo
Diz: *"isso é castigo
não chove mais não"*
Ai, ai, ai, ai
Apela pra Março
Que é o mês preferido
Do santo querido
Senhor São José

Meu Deus, meu Deus
Mas nada de chuva
Tá tudo sem jeito
Lhe fuge do peito
O resto da fé
Ai, ai, ai, ai
E vende seu burro
Jumento e o cavalo
Inté mesmo o galo
Venderam também
Meu Deus, meu Deus
Pois logo aparece
Feliz fazendeiro
Por pouco dinheiro
Lhe compra o que tem
Ai, ai, ai, ai
Em um caminhão
Ele joga a fãmia
Chegou o triste dia
Já vai viajar
Meu Deus, meu Deus
A seca terrível
Que tudo devora
Lhe bota pra fora
Da terra natal
Ai, ai, ai, ai
O carro já corre
No topo da serra
Oiando pra terra

Seu berço, seu lar
Meu Deus, meu Deus
Aquele nortista
Partido de pena
De longe acena
Adeus meu lugar
Ai, ai, ai, ai
Se alguma notícia
Das banda do norte
Tem ele por sorte
O gosto de ouvir
Meu Deus, meu Deus
Lhe bate no peito
Saudade de móio
E as água nos óio
Começa a cair
Ai, ai, ai, ai''

CENA VIII - EXPERIÊNCIAS DAS FOLHAS

(Casa de Dona Docha, a rezadeira. Ela está quase completamente cega, mas não quer que as pessoas percebam. Assim, vai tateando os móveis, tateando Jeremias, para ir reconhecendo com suas mãos. Tem uma das pernas amputadas e colocou uma perna de madeira no lugar. Um menino a acompanha, mas pirraça mais que ajuda. O menino parece ser seu filho e é fanho. Dona Docha anda com dificuldade e fala com facilidade. Tem a fala solta, animada.)

JEREMIAS- A senhora pediu que eu passasse aqui, to me apresentando.

DONA DOCHA - Ô, mas quem é mesmo? Seja bem-vindo. Aqui, o que é meu, é seu. Mas quem é mesmo? *(Tateando Jeremias)* Ah! É seu Jeremias. Se achegue.

JEREMIAS - Muito agradecido.

DONA DOCHA - Desculpe minha confissão, mas quando o senhor chegou deu foi um arrepio de sono nas costas. Há quanto tempo o senhor não se reza?

JEREMIAS - Faz pra mais de dois anos. Foi quando o menino da Rosinha nasceu. Veio eu, Nininha, Rosinha e o recém-nascido, tudo para a senhora rezar.

DONA DOCHA - Ô, menino, cata ali no quintal umas três vassourinhas de Santo Antônio para eu benzer seu Jeremias! *(Abre um largo sorriso)* Senta aqui, seu Jeremias.

DOCHINHA - *(Dochinha repete uma frase várias vezes, até irritar Docha)*

JEREMIAS - O que é que Dochinha tá dizendo, Dona Docha?

DONA DOCHA - Pilhéria desse menino. Passa lá pro fundo. E pega das bem verdinhas. *(Pra Jeremias)* As notas de dinheiro graúdo são verdes, não são? Folha verde dá garantia de tirar mau-olhado e ainda faz trazer dinheiro.

DOCHINHA- *(Continua repetindo várias vezes a mesma frase, até irritar Docha)*

DONA DOCHA*(tateando o banco que Jeremias ia sentar e respondendo a Dochinha)* O banco não está nada quente. Não vai queimar o cu. Passa, menino. *(Dá um largo sorriso)*. Ô, seu Jeremias, vai desculpando os maus modos desse menino. Mas o que importa é a saúde. A saúde vai bem, seu moço?

JEREMIAS- Vai sim, a saúde de todo mundo lá em casa tá nos conformes.

DONA DOCHA - Conformidade, sim senhor. Eu não tenho a saúde das melhores, mas me ajeito. Cada dia faço de um chá. Acabei de ferver umas folhas de levante para espinhela caída. Quer um tiquinho, Seu Jeremias?

JEREMIAS - Muito agradecido. Quero mesmo é uma rezinha.

DONA DOCHA - O chá não tem amargor, não. Depois que eu me acometi das infecções e perdi a perna, seu Jeremias, eu aumentei o zelo. Eu queria era ser enterrada com as duas pernas, feito todo mundo. Ai, ai...Mas Deus quis assim e eu até digo que ele acertou. Se eu tivesse toda inteira, talvez inventariasse também de ir se embora como esse povo desajustado daqui. Deus sabe de um tudo, tudo está no seu domínio. Sabia que no sonho eu ainda tenho as duas pernas? Deus é que faz a transformação. Todo dia eu vou dormir feliz porque quando eu durmo, eu sonho. Dias destes passei a noite toda sonhando e correndo, correndo e sonhando. E vendo tudinho cheio de cor na minha frente. Parecia até com Graciliano na bicicleta, zum, zum, zum. Subia, descia e zum, zum, zum. E quando acordei, não fiquei triste, não, porque de noite ia ter mais dormida. E assim é que é. As coisas são na medida de ser. Na medida certinha, ajustada. Não é?

JEREMIAS - E como há de não ser?

(Silêncio)

DONA DOCHA - Nininha nada ainda de buxo, né? Dia destes eu tava de prosa com Nego Preto, meu Passarim e me veio até uma cantoria: Nininha é tão bonitinha e não quer embuxar/Nininha precisa é de um bacurinho para cuidar. (*Jeremias não ri*) Não quer mesmo o chá de levante?

JEREMIAS - Não, não é isso que avexa.

DONA DOCHA - É o que é que avexa, meu filho?

(Silêncio)

JEREMIAS - È o que eu ando vendo nas experiências, dona Docha. É o que eu ando vendo.

DONA DOCHA - Não carece de dizer. Chega aqui, filho. (*Para o menino*) Ô menino azuretado. Ô meenino, quede? Tu vai ou não vai trazer os mói da vassourinha?

DOCHINHA (*que stava ao seu lado o tempo inteiro com as folhas na mão, responde de forma ininteligível*) - Aqui, ó.

(Jeremias senta e Dona Docha vai passando as folhas no seu corpo, enquanto narra uma reza de forma pouco audível)

DONA DOCHA - Valei-me meu Santo Antônio, peço licença.

Com dois te botaram

Com três eu te tiro

Valei-me Virgem Maria das dores do parto

Proteja Jeremias que nasceu de mulher

Valei-me Nossa Senhora de Santana,

Oriente Jeremias a encontrar as águas do céu

Que caíram na terra

Se for no dormir, Ave Maria!

Se for no deitar, Ave Maria!

Se for no levantar, Ave Maria!

Se for no comer, Ave Maria!

Se for no vento, Ave Maria!

Livrai Jeremias de toda mofina, de todo quebranto, de mau-olhado!

Livrai da usura, da ganância, da soberba!

Da preguiça, da avareza, dos olhos virados e da atravessada da inveja

Proteja sua formosura, Ave Maria!

Proteja sua sabedoria, Ave Maria!

JEREMIAS - As folhas ficaram tudo murchas.

DONA DOCHA - Não se impressiona, não, pode ser que agora que o tempo renove. Fica demorando de aparecer aqui na véa Docha...Não esquece de vim aqui visitar a velha, não. *(Dá novamente um sorriso)*.

JEREMIAS - Eu trouxe um perfume de alfazema para senhora. E uns sequilhos de coco que Nininha fez. Ela encomendou uma molhozinho de hortelã pimenta, a senhora tem?

DONA DOCHA - Ô, menino *(procura o menino que se esgueira)*, ô menino, quede? Pega três mói de hortelã pimenta para a senhora de Seu Jeremias.

JEREMIAS - Por que a senhora fechou os olhos na reza e abriu um sorriso?

DONA DOCHA - Porque na vida, às vezes acontece de um tudo ao contrário. As verdades aparecem cercadas de arroteio, se esgueirando, até se mostrar na forma definitiva. Tu vai se encontrar, Jeremias. Diz a Nininha pra fazer um chá bem forte de hortelã. Hortelã esfria a garganta e a cabeça. Pés quentes, cabeça fria, e intestino solto. *(Solta uma gargalhada)* É assim que o juízo fica nos conformes.

CENA IX - EXPERIÊNCIA COM O LUNÁRIO PERPÉTUO

(Seu Lunário está em sua casa, no meio dos seus muitos livros, mapas, telescópios, satélites e computadores.. Pelos cantos dos cômodos, muitos baldes e bacias vazias)

SEU LUNÁRIO - Adentre, Jeremias. E esta visita vem para o modo de quê?

JEREMIAS - Minhas cordialidades, Seu Lunário. O senhor sabe que eu tenho admiração pelo senhor, não sabe?

SEU LUNÁRIO - Sei, Jeremias, e eu também lhe aprecio muito.

JEREMIAS - Eu confio muito nos estudos do senhor e nas leituras.

SEU LUNÁRIO - Mas isso não vale tanto, não. Quase todo ano tuas previsões é que dizem o que realmente vai acontecer. Eu sei que tem gente aqui e na cidade que caçoa de mim, dos meus cálculos, das minhas invenções. Ontem mesmo tinha uns moleques na porta, jogando pedrinha na janela com o badogue. Só para eu abrir a janela e eles fazerem regalia com os meus objetos. Eu descobri uma maneira de economizar água, com estes baldes e bacias. É um serviço simples, sem complicação.

JEREMIAS - Eu arreparei. Desculpe minha indiscrição, mas como é o que senhor usa?

SEU LUNÁRIO - Eu reutilizo a minha água pelo menos três vezes. Coloco no banheiro estes baldes para aparar água do banho, a água sai limpa, eu sou aseado. Mais de 90% da água fica nos baldes e com esta água eu lavo minha roupa. Segunda vez da água. A mesma água que eu lavei a roupa, eu uso no sanitário. Terceira vez da água. E esta água desce e vai pro lençol freático. Quarta vez da água. Quando é água de lavar louça, eu reutilizo a água até cinco vezes.

SEU JEREMIAS - Eu gosto das coisas que o senhor estudou, eu tiro o chapéu, tenho maior respeito. O senhor aprendeu as mesmas coisas que eu, só que eu aprendi olhando o céu, espiando as coisas e o senhor aprendeu no papel.

SEU LUNÁRIO - O que te traz aqui?

JEREMIAS - Eu vim pro modo de que o senhor me ajudasse a olhar o Lunário Perpétuo, que traz calendário de até o finzinho dos tempos. Eu tenho a precisão que o senhor me diga o que tá previsto para esse ano. O senhor vê?

SEU LUNÁRIO - Jeremias, eu vou lhe dizer uma coisa: de todos os profetas daqui de Salvador dos Brejos, de todos, desde Quixadeira até Pau D'Arco, quem eu acho que diz as maiores sabedorias das experiências, é tu, Jeremias. E tu vem perguntar o que eu acho?

JEREMIAS - Eu observei as pedras de Santa Luzia e a santa disse que a seca vai ser dura, meu cumpadre. Eu nunca boto a experiência das pedras na mais alta importância: pra dar certo é de quatro em dez. Mas fiz mais de uma variedade de experiência e tudo danou de coincidir. Eu ando com medo de plantar meu milho, investir tudo no milho e não vingar. Fui tomado por uma descrença. Já pensei até em ir embora sem Nininha, para ajustar minha vida e depois vir buscar ela.

SEU LUNÁRIO - Não deixa Nininha só aqui, não. Esposa como dona Nininha, não se deixa é nunca. E se for de ir, vai. Mas leva tua família junto. Quem trabalha direito como tu, que sabe plantar e tratar, não morre de um mês pro outro. Choveu dia 07, Jeremias. Se chove 07, chove 17 e chove 27. Este ano é ano de 08. Em seis dias, o homem lá de cima criou o mundo. No sétimo, descansou. No oitavo, é o infinito, é o homem gozando do que foi plantado.

JEREMIAS - Eu sei, em 1938, o milho ficou pendurado na boneca, tão cheinho que dizem que dava gosto. Ano de 08 é aniversário do mundo, Deus tá renovando.

SEU LUNÁRIO - Não tá mais acreditando, Jeremias?

JEREMIAS - Eu acredito que eu tenha um dom, que Deus me deu, de ver as coisas da natureza, mas este ano eu estou vendo tudo fosco, empoeirado. Quando eu era criança eu tinha a perna torta. Naquela época não tinha isso de colocar botina. Então minhas pernas cresceram tortas. Às vezes, eu fico achando que estou andando torto no mundo. Sou um homem adireitado, com pé nos trilhos, mas posso estar vendo as coisas tortas, pelos meus pontos de vista. E meus dias são lamentações. Um lamento de amargar. Ando triste, Lunário. Mas não deixo de acreditar, não. Ainda falta a experiência dos ventos, que é o sopro de Deus. E também a barra do céu, quando for chegado o dia. E fiz uma prece pra Deus me mandar uma revelação pelo sonho.

SEU LUNÁRIO - Então, Jeremias! Sossega.

JEREMIAS – Seu Chico Leiteiro diz que vai chover no gogó da ema, Seu Mariano diz que vai ser um verão descascado, vai chover de caju em caju. Nas minhas experiências, eu só vejo sequidão.

SEU LUNÁRIO – Ninguém fala do planeta Vênus que tá perdendo 10 minutos de um dia pro outro.

JEREMIAS – Isso é inverno diminutito, chuva pouca, espaçosa. Olha o Lunário Perpétuo. Eu careço que o senhor olhe o seu Lunário. Eu sei ler coisa pouca, mas não entendo do almanaque, não.

SEU LUNÁRIO – Cada um tem de suas coisas, Jeremias. Eu olho o Lunário, o meu livro precioso. Foi por causa dele que minha mãe me deu este nome. Guardo como uma jóia. Mas hoje eu também já olho satélite, computador, Internet, me asseguro de tudo. A seca se rege pela teoria do caos, teoria da lei das probabilidades. A seca é um fenômeno, mas tem margens de erro, o problema da climatologia. O homem pensa que pode disciplinar a natureza. Eu sou um idealista, Jeremias. Fiz uma estação meteorológica aí no fundo da casa, tem barômetro, termômetro, biruta de indicação de vento. O importante é entender da zona de convergência intertropical, uma bola de nuvem, de 4 mil quilômetros de largura por 2 de comprimento.

JEREMIAS – O vento que vem do sudeste, nos anos da seca, predomina. Eu sinto nos braços, o vento vindo de lá.

SEU LUNÁRIO – Pois, Jeremias. Se o vento sopra de sudeste pra noroeste, ele retém a zona de convergência intertropical a 4 graus ao norte do Equador, acima do Equador. E como estamos abaixo da linha do Equador, a zona fica retida e não desce para o Atlântico Sul, não entra no continente e não chove, não tem precipitação. Talvez eu já esteja concordando contigo, Jeremias, esteja também prevendo ruim. Eu também sou como tu, Jeremias, o que eu gosto mesmo é de chuva.

JEREMIAS – Então é que eu já vou me embora mais confuso do que cheguei. Eu pensei que tu com tuas ciências visse uma frestinha de promessa de previsão favorável.

SEU LUNÁRIO – Estou tão em dúvida quanto o meu amigo.

JEREMIAS – Eu vou continuar observando o vento, quem sabe Deus assopra outro recado. No fundo do coração tem uma confiança que as coisas podem melhorar, mas na cabeça, a

desconfiança é muita. É muito triste, nossa sina, seu Lunário, eu nem posso ter garantia se eu uso ou não uns trocados que eu recebi pra consertar o meu trator e aprumar minha enxada, meus utensílios de plantação.

SEU LUNÁRIO- Segue o coração, Jeremias. Tua mãe te diria isso. Segue o que o coração tá ordenando.

CENA X - EXPERIÊNCIA DO VENTO

(Jeremias senta, fecha os olhos e sente o vento. Nesse rodeio entre vigília e sono, ele vai intuindo previsões. Está com o hortelã de Dona Docha entre os dedos.)

JEREMIAS - Tu sabia, Nininha, que antes de tu entrar na minha vida, um dia bem lá atrás, no longínquo, eu fui ajudante de piloto de navio?

NININHA - De navio? Tu já andou de navio?

JEREMIAS - E em alto mar tem tanto vento... Foram os ventos da corrente marítima da parte do Atlântico Sul que me fizeram entender como é que o vento circula. Ele roda para tudo quanto é lado. Agora mesmo, olha o teu cabelo...

NININHA - Ai, entrou uma brisa friinha aqui.

JEREMIAS - Espia, cada fio de teu cabelo vai prum lado. Teu cabelo tá macio.

NININHA - É raspa de juá.

JEREMIAS - Cada tipo de vento dizendo uma coisa, aqui, embaralhando o teu cabelo de um lado pro outro. Tenho até medo de me desbandeirar por aí de noite e ver o vento soprando errado..

NININHA - Tu precisa ir, Jeremias, tu me disse que esta experiência é uma das mais louvadas de todas.

JEREMIAS - É um troço abstrato que muda o pensamento. Quando o inverno dá de ser bom, o vento vem devarinho *(faz barulho de vento acompanhando com a mão)*, do nascente pra o poente e vai-se embora *(faz novamente barulho de vento com a boca)* Calma aí comandante, não vem não, não traz este prejuízo pro povo, não! Quando não é bom, vem fazendo rebuliço, vai até uma certa parte e volta do mesmo jeito, no alvoroço. *(Toca em Nininha)* Tu tá com o corpo esquentado. E o cheiro tá mais forte. Isso é umidade, pode vir chuva.

NININHA - Nem tudo é previsão, Jeru. É que eu estou desejando.

JEREMIAS - Eu não posso namorar com tu hoje não. Eu preciso ir lá fora espiar os ventos.

NININHA - Eu também estou num cansaço triste. Labutei a tarde toda com Graciliano. Então eu vou me deitar e tu vai espiar o vento do sudeste. Amanhã tu me diz a previsão. O vento há de dizer outra coisa, Jeremias. Deus nos valerá. *(Beijam-se ternamente)*

JEREMIAS - No ano que tem seca, as duas correntes se juntam, a do nordeste e da sudeste. Para ter chuva, o sudeste não pode dominar o nordeste como o nordeste não pode dominar o sudeste. Quando o Sol voltar para o Equador, aí eu vou saber definir. Nininha! Eu não queria um inverno veaco, não. Daqueles que compra e não paga, que promete e não comparece, que se esconde. Eu quero é inverno de fartura de ter o que beber. Eu queria era o açude transbordando, água pra tudo quanto é lado. Quando a gente tá perto da água, Nininha, a gente fica mais feliz. *(Nininha adormece)*. Nininha...

Jeremias levanta-se e vai para a janela, fecha os olhos e começa a ouvir o vento.

UMA VOZ *(a voz é a voz do seu pai)*- Escuta o sopro do vento. A palavra agora está com você, Jeremias. Você é que tem o dom. O meu tempo já se foi.

(Ouve um forte barulho de um vento muito, muito mais forte que a brisa. Vê-se uma vassourada de poeira)

CENA XI - EXPERIÊNCIA POR COISAS SEM SENTIDO

(Vassourada de poeira. Numa encruzilhada de um vilarejo perto de Salvador dos Brejos, acontece um ritual secreto pedindo prosperidade para a terra. Jeremias se aproxima da multidão e observa. Em volta de uma mulher que está prestes a parir, uma multidão se aglomera perto de uma fogueira. Pode ser sonho ou apenas uma coisa sem sentido)

SACERDOTE - Vamos ofertar esta criança porque as águas dos poços não saíram quentes, as fechaduras das portas estão rijas de abrir, não tem umidade, a fuligem não sai da chaminé e os cheiros de todas as coisas continuam como estão. Tudo é morte. Por isso oferecemos esta criança.

TODOS - Assim seja! Louvemos ao sacerdote!

SACERDOTE - Há terror por todos os lados. O mundo se destrói em fogo. Vamos oferecer a criança ao fogo.

TODOS - Louvemos ao sacerdote!

SACERDOTE - Extirpado seja o arbusto solitário do deserto, que não verá quando vier o bem. Ele terá morada nos lugares secos do deserto, na terra salgada e inabitável.

TODOS - Louvemos ao sacerdote!

SACERDOTE - E depois vamos comer do bolo sagrado, feito para a deusa, para que o seu poder entre no nosso corpo. E nós possamos vencer o calor e a morte!

TODOS - Louvemos ao sacerdote!

JEREMIAS - O que é isso? Maldito seja o dia em que eu nasci! Não seja bendito o dia em que minha mãe me deu luz à vida, para que eu houvesse de viver e fazer testemunho disto.

SACERDOTE -

TODOS - Louvemos ao sacerdote!

JEREMIAS - Não podem fazer isso com um tão inocente. Não se mata quem ainda nem viveu. Deus não quer este sangue. O que fazem aqui não é de lei. Por isso a terra tá seca. O céu não quer mais molhar esta terra. Por que não me matou, Deus no ventre materno? Por que minha mãe não foi minha sepultura? Ou não permaneceu grávida perpetuamente para eu nunca vir a este mundo e ver todo o infortúnio que se espalha? Por que saí do ventre

materno tão somente para ver trabalho e tristeza e para que se consumam de vergonha os meus dias? Deixem a mulher e filho em paz!

SACERDOTE - A mulher vai ofertar o seu filho a Baal. É a sua penitência! Ela foi a escolhida.

TODOS - Louvemos ao sacerdote!

A MULHER GRAVIDA - Por favor senhor, faça a chuva cair depressa para salvar o meu filho. Olhe para as nuvens, senhor. O que a nuvem diz?

JEREMIAS - Coisa grandiosa é mulher grávida... mulher que é dois seres por dentro. A nuvem... a nuvem tá fazendo um desenho torto...ah! é um rebanho.... E os carneiros caminham para um precipício. Os outros pastores choram o pranto do pastor dos carneirinhos. Pelas paisagens, tudo é lamentação, porque tudo tá queimado. Não se ouve o mugido do gado, os animais fugiram. A lei tá perdida. Ninguém mais segue a lei. A lei do universo. A lei que faz todo mundo brilhar como estrela que pisca. A nossa morada tá assolada. Não cabe mais ao homem determinar o seu caminho. E aquele que caminha, já não pode dirigir os seus passos. Uma criança que nem nasceu não pode morrer, Senhor.

TODOS - Louvemos a Jeremias, a Jeremias!

(Um vento forte com muita poeira invade o espaço. Todos fogem, correndo, só resta Jeremias no centro do palco. Aos poucos, a poeira se extingue - era noite e virou dia - e ouve-se os sons da feira.)

CENA XII – EXPERIÊNCIA COM AS ESTRELAS A CAMINHO DA FEIRA

(Jeremias chega na feira da cidade)

SEU ZINHO – Uma tapioca ou farinha de mandioca, Ninu?

JEREMIAS – Não, seu Zinho, muito agradecido.

SEU ZINHO – Tu tá um pouco amarelado, Ninu. Será que tá de moléstia? Quer uma média de café?

JEREMIAS – Aceito de bom grado. A Nininha já fez a feira, eu vim foi tirar um dedo de prosa com os moradores. Ando preocupado com o andar dos acontecimentos. Estou tendo uns sonhos estranhos, um mau pressentimento.

SEU ZINHO – Eu é que não vou me embora daqui do vilarejo, num sabe?.Não tome isso por falta de respeito às suas profecias, não, Ninu, mas dessa terra não saio, sou feliz aqui. Como é que eu posso viver triste, seu moço, eu, que moro na pátria do cruzeiro? Tu já arreparou nas estrelas?

JEREMIAS – Eu ainda não fiz a experiência de observância das estrelas lá na constelação do couro do bode. Quando estiver chegando o dia delas, aí eu vou olhar.

SEU ZINHO – É só olhar pra cima, oilá – de noite, eu digo – e ver o terço em forma de cruz, o cruzeiro do sul, benzendo minha cabeça. Aí penso logo que é a minha Nossa Senhora de Santana lá no céu, com um terço cheinho de estrela pedindo por mim.

JEREMIAS – Feliz é o senhor que olha pro céu e vê Nossa Senhora. Eu olho e não vejo nada nublinando, só um céu seco, um infortúnio.

SEU ZINHO – Eu tenho fé, Ninu. Chuva este ano vem sim, não é Dona Zefa?

DONA ZEFA *(na barraca ao lado, debulhando feijão)* – Eu tenho medo do céu. Esse negócio azul sem ninguém para poder aparar, este negócio pode cair na cabeça da gente.

SEU ZINHO – Eu nunca vou embora desta terra, gosto tanto daqui que seria até capaz de pegar esta terra, ninar como se nina criança miúda, pegar no colo e passar as mãos pelo cabelo desta terra marrom e seca. Encharcar esta terra com a formosura de Raqué. Eu relutei muito em dar seguida com este pensamento, num sabe? Foi Raqué, que viu primeiro, assuntou e me convenceu. Mulher traz umas sabedorias... Eu ficava pensando assim: como é que a gente pode adorar uma cruz se o filho do homem morreu nela? Mas aí Raqué me disse:

RAQUÉ *(do outro lado do palco, vestida de santa como o sagrado coração de Maria, dentro de uma moldura de fotografia)* – Cruz é pau unido com pau bem no coração, no coração de Jesus.

SEU ZINHO – E desde então eu trago o terço comigo, enrolado no pescoço.

GRACILIANO (*vendendo pomada com sua bicicleta*) – Aqui na tampa desta caixinha está escrito assim: Legítima Milagrosa Pomada Padim Padim Cícero. Essa pomada é feita de plantas medicinais.

DONA DOCHA – Arueira, angico, velame, bonome, macela do reino, quebra-faca, imbiriba, eucalipto, porangaba, erva de são João, mostarda, girassol...

DOCHINHA – Aueiea, anhiho, eanhe, oonhe, aea u eio, ehah-ahah, imihihha, euaiio, oanhahah, ea i ahon oahon, oaa, iaol...

GRACILIANO - Para a pessoa que trabalha na roça, estrepou-se num pau, cortou-se no caco de vrido, furou-se num arame, num prego, serve pra passar nas tēmporas para moléstia dos nervos, dor na junta, dor reumática, gota, inchação, coceira, eczema, reumatismo. Que é para uma dor de dente, para uma dor de cabeça, para uma queda, uma pancada, uma entrevada, uma furada. Se tiver com hemorróida, dessa perigosa, hemorroida de botão, daquelas que o camarada bota sangue pelo fundo da cueca, tu pega esta pomada e faz o tratamento na porta do carburador que é pra ficar melhor e aliviar a dor.

DONA DOCHA – E pra quem tá necessitando, que nem tudo tá funcionando: catuaba, vergateza, marapuama, jatobá, pó de guaraná, até defunto vai levantar.

DOCHINHA – Ae iunho ai eanah.

JOSEFINA – Carta, tarô, búzio, leitura de mão. Josefina de Iansã traz pessoa amada em até cinco dias. Trabalho limpo, sigiloso. Desmancho feitiçaria, afasto rival e faço descarrego espiritual. Venha com fé que aqui tem axé! Não aceito Visa Eletron.

PREGADOR PENITENTE – Vamos fazer uma revolução com penitência. P de presidente, P de papa, P de penitente. P de Padim Cícero que dizia assim " 1.Não derrube o mato. *Nem mesmo um só pé de pau.* 2. Não toque fogo no roçado *nem nas caatingas.* 3.Não cace mais *e deixem os bichos viverem.* 4.Plante cada dia pelo menos um pé de árvore. 5.Construa uma cisterna no oitão da casa *para receber a água da chuva.* 6.Não crie boi nem bode soltos. *Faça cercados e deixe o pasto para ele se refazer.* 7. Tire proveito da maniçoba, da favela, da jurema, *elas ajudam a conviver com a seca.* Mas se não obedecerem, dento de vinte anos o sertão será um deserto só".

SEU ZINHO – O pecuarista, o pescador e o agricultor é quem segura este paise. Sem eles, ninguém vive, ninguém tem do que comer, num sabe? Não quer mesmo um cuscuz de tapioca?

JEREMIAS – Agradeço, Seu Zinho.

SEU ZINHO – E um pouco de leite de Janaguba, aceita? Não é por nada não, mas esse meu leite aqui faz com que o sujeito na hora das intimidades fique que nem lagartixa, subindo pelas paredes.

JEREMIAS – Mesmo assim agradeço, seu Zinho.

SEU ZINHO - Ô, Ninu, eu tenho uma coisinha pra te mostrar. Espia, eu ando aí de quando em vez pelas ladeiras de Belmonte e Gorgulho, num sabe? Extraíndo meu leite de Janaguba. Vez ou outra eu encontro um toco de madeira e faço uns bichinhos. Deus já envia a forma quase pronta. Eu só dou o acabamento final, boto um nariz, uma boca, um rabo, coisinha pequena.

JEREMIAS - Tudo tem muita formosura, seu Zinho. Até parece com os bichinhos do Mestre Vitalino e do Seu Luiz Galdino.

SEU ZINHO - Agradecido, agradecido. Mas eu não arranco madeira das árvores, não. Só pego o que vou encontrando no caminho. Trinta anos que eu labuto em cima desse chão, dessa terra. Trinta anos. Essa terra me deu cada coisa, Ninu...

(Passa Graciliano de bicicleta)

GRACILIANO - Jeremias, se tu for em Custódia comprar as peças do trator, eu vou junto. Eu já deixei tudo arrumado, até tangi as galinhas. Lá vai ter três bandas tocando na praça. E se tiver intervalo, eu posso até fazer apresentação.

JEREMIAS - Cuidado pra não atropelar ninguém aqui na feira com esta bicicleta.

SEU ZINHO - Mas era de outro assunto que eu queria tratar, Ninu. É que esta semana, eu achei este toco aqui, nunca que eu vi um bicho parecido com isso, coisa mesmo estranha, parece sinal.

JEREMIAS *(examina demoradamente)* - Seu Zinho, isso é um tatu. Se Deus me desse a graça de ver um tatu de verdade por aqui... Tatu quando sai da toca neste período do ano, é chuva na certa, Seu Zinho.

SEU ZINHO - Pois que não é mesmo um tatu? E como é que eu não arreparei? Agora tu falando, eu apercebi. Mas falta um olho. Só vou botar o olho quando chover, num sabe? Quem sabe assim não dá sorte?

JEREMIAS - Antes fosse, seu Zinho, antes fosse. È estranho mesmo esse bicho de um olho só espiando a gente. Parece até que ta dizendo que o outro olho só vem quando o serviço tiver acabado. Mas vou deixar de observar. Tatu de madeira não tem validade para as experiências.

SEU ZINHO - Deus quando quer dar sinal, não escolhe forma não. Se fica difícil mandar aviso pros homens, manda pelas plantas, pelos minerais, por uma pedra de carvão. Eu tive 15 filhos, Ninu, e com todos eu sabia se nascia menina mulher ou menino macho. Ou era eu, ou era minha finada Raqué. Um dos dois sempre recebia aviso. *(Silêncio longo)* Engraçado, é tatu mesmo. Quando vi esse bicho, a primeira pessoa em que eu pensei foi tu, disse assim para mim, espia: quem tem que ver isso é Jeremias. E não é que tu apareceu na feira hoje? *(Silêncio curto)* Ali vem os trovadores, fizeram um cordel retratando tuas profecias, Ninu.

JEREMIAS - Boas passagens de ano, Dona Paruara. Boas passagens de ano, Seu Santiago.

PARUARA E SANTIAGO – Boas, boas, na paz de Deus.

PARUARA – Tá certo que eu não errei
Vou falar sobre este tom
O poeta tem um dom
Não sou louco nem pateta
Vou falar que nem o profeta
Esse inverno não vai ser bom

SANTIAGO - Eu vou pensar diferente
Eu sou bem hospitaleiro
Só começa em fevereiro
Mas vou dizer pra toda gente
Repare que o sol é quente
Pode prestar atenção
O calor faz confusão
O relâmpago ainda não vi
Tá certo que eu apercebi
O balançar do trovão.

JEREMIAS – Eu fico é impressionado com este negócio de trova. Eu não sei fazer essas coisas de literatura.

PARUARA – Tu sabe fazer outras coisas, Jeremias. Vamos deixar de lado os cordel, o que tu manda pra gente?

JEREMIAS – Eu tô vendo as coisas tudo atravessado, Dona Paruara. Ando lamentoso. Parece que o inverno vai ser seco.

PARUARA – Eu não tenho medo de trabalho. Já falei com os meus meninos para arrancar toco, brocar, arejar. Mas eles andam desanimado com o que tu diz.

(Entra Josefina. Josefina é a mulher mais bonita da cidade, só veste vermelho. Não gosta de Jeremias.)

JOSEFINA – Esta experiência tá errada. Esses profetas vêem o que querem, a verdade tá nos olhos de quem vê.

JEREMIAS – A experiência que eu digo é a verdadeira, a palavra que lhe passo é a verdade, vem de Deus.

JOSEFINA – E porque Deus falaria contigo, desde quando tu é mais especial do que nós?

JEREMIAS – Não é isso que eu tô dizendo, dona.

JOSEFINA - Mas porque Deus lhe dirigiria a palavra? Porque exatamente pra tu?

JEREMIAS - Tu não podia ver os códigos. As pessoas que passam a vida se preocupando só com beleza, com as aparências, não vê as coisas.

JOSEFINA - As pessoas tão comentando como é que tu diz que o inverno deste ano vai ser ruim, que quer abandonar Salvador dos Brejos, e compra terra na mão de Seu Nizinho. Comprou terra pra quê, Jeremias?

JEREMIAS - Eu não posso deixar de trabalhar.

JOSEFINA - Comprou terra para que, Jeremias? Vai abandonar Salvador dos Brejos, Jeremias? Hein, Jeremias?

JEREMIAS - Eu já comprei um litro de feijão e um outro de milho. Vou plantar e limpar o milho. Mas tem muito atalho no caminho. Eu estou até ficando com medo de dizer o que eu ando vendo.

(Aos poucos, todas as pessoas do vilarejo começam a aparecer para Jeremias. Atordoado, no centro do povoado, tenta se desvencilhar das vozes que o confundem. Um coro se forma, vozes sobrepostas em eco. Todos aparecem disformes ou com elementos em desproporção. Graciliano está de monociclo ao invés da bicicleta e por aí vão. Instala-se um ambiente de delírio, de devaneio)

RAQUÉ *(aparecendo na moldura da fotografia)* - Cruz é pau unido com pau bem no coração, no coração de Jesus.

JOSEFINA - E porque Deus falaria contigo, desde quando tu é mais especial do que nós?

DONA ZEFA - Eu tenho medo do céu. Esse negócio azul sem ninguém para poder aparar, este negócio pode cair na cabeça da gente.

SANTIAGO - Repare que o sol é quente

Pode prestar atenção

O calor faz confusão

SEU ZINHO - Como é que a gente pode adorar uma cruz se o filho do Homem morreu nela?

DONA DOCHA - Livrai da usura, da ganância, da soberba!

Proteja sua sabedoria, Ave Maria!

SEU LUNÁRIO - Te digo o que tua mãe te diria: segue o que coração tá ordenando...

DICA - E agora tu diz que não vai chover este ano. Eu já estou velha, Jeremias. E ainda não virei santa. Para onde eu vou?

SACERDOTE - Aqueles que não nos seguirem, estão a favor da estiagem: estão contra a fartura, estão contra a bonança, estão contra nós!

MULHERES E HOMENS DO VILAREJO - Louvemos ao sacerdote!

JERUSAH - O sol. O sol. Foi o sol na minha cabeça que embaralhou tudo, escureceu meu olho, fez o terror através das minhas mãos.

GRACILIANO - Ao invés de ficar procurando motreta comigo ou divulgando pro pessoal da vila que este ano vai ter inverno tristonho, tu podia era fazer um filho em Nininha.

ROSINHA - Jeremias podia é ver uma plantação de mandacaru inteirinha dando flor. Mas não, fica é enchendo a cabeça deste povo sem sensatez dizendo que este ano não vai ter inverno.

NININHA - Tu sabe, num sabe, Jeremias, que eu tenho o maior desejo de ser mãe? Jeremias, eu queria ter um filho teu.

SEU EUQUIDES - A palavra agora está com você, Jeremias. Você é que tem o dom. O meu tempo já se foi.

CENA XIII - EXPERIÊNCIA DO SONHO

(Todas as pessoas da feira o cercam e vão se transformando em espectros. Eles andam em sua direção. Ora são espectros, ora são pessoas da feira. Elas invadem Jeremias, que atordoado, tenta se defender, em vão. Olhando para o céu, clama ao senhor. Já está em sua casa: é um sonho)

JEREMIAS – Não, Senhor, eu não quero este poder de ver o amanhã. Não quero, Senhor, isso é castigo, é judiaria. E causa uma dor do maior tamanho querer saber do amanhã. Transforma este amanhã, Senhor, muda esse amanhã. Se apieda de nós. Minha alma tá se abatendo dentro de mim. Qual vai ser o meu destino? Considera, meu pai, e olha pra mim! Nossa pele se esbraseia como um forno, tudo tá quente, meu pai, tudo tá quente. E esta labareda de fogo invade as moradas de Salvador dos Brejos, a gente paga a própria água que bebe, tudo se consome. Tem gente que anda feliz, mas é que eles não sabem. Tudo que era formoso à vista se foi: nossos palácios, nossas fortalezas. A falta do inverno tá pondo em esquecimento as festas, os idosos estão se banhando é de pó de cilício por de cima do corpo. Os meninos tropeçam embaixo das cargas de lenha, o júbilo no nosso coração cessou, se extinguiu, por isso escureceram os nossos olhos, converteu-se em lamentação a nossa dança, tudo de um ruim danou de aparecer. Minha alma tá turbada, meu pai, meu coração se derrama angustioso. Caiu a coroa de nossa cabeça. Se esqueceu de nós, senhor? Nos desamparou? Não nos rejeita, Senhor, não nos dá a fúria da tua secura que deixa toda a terra morta. Senhor, só tu reinas eternamente, o teu trono é eterno, de geração em geração. Só tu, senhor, pode me orientar no meu caminho. Envia um sonho pra mim, um sonho, senhor, para que eu veja algo bom para esta terra pois entraram ciscos nos meus olhos, e tudo tá arranhado, embaçado nos meus olhos que sofrem de uma gastura como se fossem de vidro. Eu não quero ser uma voz que clama sozinha a aflição deste mundo. Se não é pra me mostrar benfeitoria, eu quero que se extinga esta voz que grita de dentro do meu peito. E eu deixo de profetizar as coisas. Eu quero fartura, eu não quero ser um profeta das desgraças e do lamento. E que conversa mais feia é essa? *(Ressoa um belo acorde de acordeom. Jeremias, inebriado, ajoelha-se e desce ao chão, deita do)* Eu estou escutando, meu pai, escutando. Eu quero a passarinhada, a chuvarada. Eu quero é essa cantiga bonita.

(Ouve-se um barulho de trovão e o tempo vai fechando, fechando. Rojões anunciam o Ano Novo. Cai umas primeiras gotas de chuva.)

NININHA – Jeremias, Jeremias, vem ver o céu, Jeremias.

JEREMIAS – Nininha...foi o sonho, Nininha. Isso que eu to vendo é coisa verdadeira ou fogo de artifício?

NININHA - Tá tudo orvalhando! E não é chuva de ripiquete, não, tá caindo toró. A gente vai tomar banho de chuva, Jeru.

JEREMIAS *(saindo pra chuva, abraçando Nininha)* – Será que com essa chuva agora eu vou te germinar? Vou fazer minha água dar fruto dentro do teu ventre? Não sei quem enviou esta certeza pra mim, se foi o vento, foi o sonho ou foi Deus, Nininha. Mas o açude há de sangrar. As plantas daqui de baixo vão ficar molhadas de terra. Nininha, vem Nininha, comemorar a chuva mais eu. Vem, que é nessa chuva que vamos fazer nosso filho. Vem, Nininha, que eu não vou mais embora, eu vou ficar aqui.

NININHA – As coisas se embaralharam pra mim também, Jeremias, mas vem... Escuta os pingos da chuva. Ela bate no telhado e faz uma cantoria, Jeremias.

JEREMIAS – Nininha, as duas coisas mais importantes do mundo é a chuva; e o pai e a mãe da gente.

NININHA – E eu?

JEREMIAS – E tu, Nininha? Tu é meu amor!

(A chuva vai caindo forte e um som de acordeon vai subindo enquanto o palco vai ficando escuro. Nininha e Jeremias estão nus, na chuva, deixando a água passar pelo corpo, fazendo amor.)